

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

92

INSCRIÇÕES 412-415



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2011

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRI-GA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



MARCA GRAFITADA *FIRMVS* DO ERVEDAL
(*Conventus Emeritensis*)

Fragmento de tijoleira com a inscrição *FIRMVS*, identificada em 2009, durante os trabalhos de escavação do sítio romano da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão).¹

Desde 2007 que no local têm vindo a ser desenvolvidos trabalhos de escavação, no âmbito de um projecto de investigação, levado a cabo pela equipa do Museu Arqueológico do Fundão. Diversas estruturas foram identificadas, designadamente dois complexos termais, que se situam a escassos metros um do outro e que se apresentam ainda em razoável estado de conservação, devendo fazer parte de um conjunto habitacional de imponência considerável que, a julgar pelo tipo de materiais e estruturas identificadas, assumiria na época romana grande importância na sua área de acção, podendo mesmo constituir um dos mais significativos núcleos urbanos da *civitas Igaeditanorum*.

A peça foi encontrada na quadrícula B'8, u.e. 03/12, correspondendo a um nível de destruição, na zona da fornalha das termas.

Dimensões do campo epigráfico: 13,5 x 6 cm.

¹ Vide: ROSA, João Mendes; BIZARRO, Joana (2009), *Intervenção Arqueológica na Quinta do Ervedal*. Relatório de progresso enviado ao IGESPAR.

FIRMVS

Alt. das letras: de 3 a 3,5 cm.

O grafito foi executado sobre a pasta fresca, com estilete, numa das faces laterais da tijoleira, com *ductus* irregular.

O cognomen *Firmus* encontra-se referido em várias inscrições em toda a Península Ibérica,² tendo como exemplo mais próximo Idanha-a-Velha e deverá tratar-se de uma referência ao proprietário da oficina de cerâmica onde foi produzido este material de construção. Desconhece-se se a inscrição está completa.

O contexto estratigráfico em que a peça foi identificada não permite tecer quaisquer considerações cronológicas.

JOÃO MENDES ROSA
JOANA BIZARRO



FIRMVS

² Cf. NAVARRO CABALLERO, M.; RAMÍREZ SÁDABA, J. L. (coord.) 2003: *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida-Burdeos, p. 173, mapa 127.

ARA FUNERÁRIA ACHADA EM CANTANHEDE
(*Conventus Scallabitanus*)

Ara romana de calcário banco, encontrada, em 2000, no centro de Cantanhede, a cerca de 30 metros da igreja matriz, aquando das obras na praça principal daquela cidade. Juntamente foi recuperada uma base de coluna também romana. Ambos os monumentos se guardaram na Escola Pedro Teixeira, em Cantanhede, onde se conservam.¹

Bastante desgastada pela acção erosiva do solo e das águas infiltradas, a ara está, contudo, intacta. O capitel, delimitado inferiormente por ranhura, ostenta fastígio triangular central em relevo (com 5,2 cm de largura), ladeado de dois toros cilíndricos (com 8 cm de diâmetro e 6,5 cm de altura). Arestas do fuste esborcinadas; base tosca, separada do fuste por ranhura e com saliência a meio, no sentido transversal, para encaixe noutra base mais ampla. A inscrição encontra-se na face dianteira do fuste, sem qualquer molduração.

Do lado – sem que nos seja possível garantir tratar-se de decoração original – há desenhado mui tenuemente um quadrilátero de 15 x 12,5 cm; o mesmo acontece do lado direito, em que o quadrilátero, de 10 x 16 cm, está dividido por um sulco vertical sensivelmente a meio.

¹ Um dos signatários (JR) teve ocasião de dar conhecimento dos achados em nota publicada na edição de 16 de Agosto de 2002 do jornal local *A Voz de Mira*, pág. 7, sob o título «*A romanização nas terras da Gândara – Cantanhede foi centro romano*».

Dimensões: 95 x 27 x 21/27.

Campo epigráfico: 69,5 x 27.

D(iis) M(anibus) S(acrum) / C(aii) FLAVI(i) C(aii)
[F(ili)] / ANN(orum) XXXII (*duorum et triginta*) / ET PATER /
ET MATER / H(ic) S(iti) [?]

Consagrado aos deuses Manes. De Gaio Flávio, filho de Gaio, de 32 anos. E o pai e a mãe aqui jazem.

Altura das letras: l. 1: 4; l. 2: 4,5; l. 3: 2,5; l. 4: 3,7; l. 5: 3,2; l. 6: ? Espaços: 1: 9,5; 2: 4; 3: 2; 4: 1,5; 5: 1; 6 e 7: ? [Desde a l. 5 ao final da superfície epigrafada: 34,8].

A paginação obedece a um alinhamento à esquerda, distribuindo-se, porém, as siglas da l. 1 na intenção de seguir um eixo de simetria. Não há já indícios de pontuação, a não ser precisamente nessa l. 1, onde se nos afigura possível descortinar pontos redondos.

Gravados com goiva, os caracteres apresentam-se muito irregulares no seu traçado, sem obediência à geometria, pelo que não cremos arriscado afirmar que a minuta terá sido feita na própria pedra à mão levantada, dada a cursividade bem patente em boa parte das letras, com acentuada inclinação para diante. Assim, verifique-se logo o traço bem irregular do D inicial; M muito aberto; F alongado, de barra superior muito oblíqua para cima e a média mais curta; L de travessão oblíquo; NN pequenos e feitos nitidamente com três movimentos; E de travessões paralelos e curtos; o A parece ter travessão; P estreito; R feito a partir do traçado de um P, de haste bastante oblíqua e breve.

As dúvidas de leitura situam-se ao nível da l. 2 e da fórmula final – de que se apresentam fotos de pormenor, a fim de se ajuizar da validade da interpretação que ousamos propor. Não cremos que se deva optar por XXXIII no que se refere à idade, pois os II estão bem nítidos, o que deveria suceder também com um eventual terceiro I.

Na l. 2, à análise atenta da pedra pareceu-nos viável descortinar um nexa – inusitado, concordamos... – AVI. Ler FLAVO seria sedutor, porque, nesse caso, o C inicial seria sigla de gentílico (*Cornelius, Caecilius...*), o que não estranharia se

apontássemos para uma datação de finais do século III; mas o C apresenta-se-nos com muita nitidez, pelo que vemos nele a sigla do praenomen paterno a que se seguia o F, ora desaparecido com o desgaste.

Na última linha, mais desgastada ainda que as demais, pareceu-nos ver, a dado passo, com determinada incidência de luz, a palavra POSVERVNT. Uma observação mais atenta levou-nos, porém, a deixar essa hipótese de parte, até porque a possibilidade de ali se identificar um H e um S não é, na verdade, despicienda. Sendo assim, a epígrafe continua a manter um esquema fora do comum, dada a repetição do ET, que, à partida, só parece querer acentuar o carácter copulativo do conjunto; ou seja: que são três os defuntos ali memorados: o filho e o pai e a mãe, identificados apenas pelo grau de parentesco. Poderemos, pois, imaginar que a iniciativa de lavrar o epitáfio partiu de um parente, para assinalar o local de sepultura de três dos seus entes queridos: o primeiro a morrer, com 32 anos, surge em primeiro lugar; mas também ali acabaram por encontrar lugar de repouso o pai e a mãe – e assim ficou consignado na ara.

Para além dessa singularidade textual, mui grato nos seria poder garantir qual a onomástica registada. Torna-se difícil optar; contudo, se não fora a presença da invocação aos Manes, dois indícios nos inclinariam a datar a epígrafe dos primórdios da época imperial: a gravação por meio de goiva e a simplicidade textual (com omissão dos nomes dos pais). Caso esta possibilidade ficasse garantida, não nos repugnaria também a ausência de cognomen e o eventual uso do genitivo (como que para dizer «sepultura de Gaio Flávio»). A reconstituição do gentílico Flavius, porém, cremo-la deveras aceitável e, consequentemente, afigura-se-nos verosímil propor como datação para o monumento o tempo dos Flávios, ou seja, a 2^a metade do século I d. C.

Chegados a este ponto, importará, decerto, interrogarmo-nos sobre qual terá sido o contexto original do monumento. Claro que a primeira ideia – de imediato veiculada na notícia que se deu no jornal local acerca da descoberta da ara e da base de coluna, a que atrás nos referimos – foi a de atribuir essas antiguidades a Cantanhede; mas... estaremos agora tão certos disso?

Ora vejamos: uma das árulas descoberta em *Conimbriga*

é dedicada FL(*aviae*) CONIMBRICAE ET LARIB(us) EIVS;² o tipo de material usado é o mesmo e o coroamento com fastígio e dois toros cilíndricos em relevo idêntico é também. Outra árula daí, consagrada LIBERO PATRI (nº 13), apresenta as mesmas características formais. Não será, pois, este *Flavius* oriundo da *Flavia Conimbriga*? Estaríamos, pois, muito tentados a responder que sim, atendendo, inclusive, ao que já se conhece acerca dos vestígios romanos identificados na região e, também, com o facto de a semelhança tipológica se prender, decerto, com hábitos epigráficos de toda a região (Ourentã, Outil, Portunhos, Ançã...), onde a chamada pedra de Ançã foi material trabalhado desde a época romana.

Aproveite-se, pois, o ensejo para referir alguns desses dados, a que o achamento deste altar e da base de coluna aduziu, sem dúvida, eficaz complementaridade.

Assim, a relevância histórica do contexto do achado, a cerca de 2 metros de profundidade, ficou logo demonstrada pelas escavações de sepulturas levadas a cabo por técnicos do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro,³ que permitiram «comprovar que, pelo menos, a área central da actual cidade de Cantanhede se encontra implantada sobre área habitada do período romano...».⁴ E Carlos Cruz sublinha a circunstância de duas das sepulturas terem reaproveitado «uma estrutura de formato rectangular com revestimento em *opus signinum*, apresentando uma concavidade com um diâmetro com 12 cm e uma profundidade aproximada de 60 cm e que se supõe ter tido a funcionalidade de recipiente de retenção de líquido»; e que «em associação foram exumados materiais cerâmicos de construção (*tegulae* e *imbrices*), bem como um alfinete em cobre, de cabeça piramidal, e uma fíbula anular, tipo B1 de Fowler. Este último achado remete para uma cronologia do séc. I d. C., podendo

² Cf. ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges; LÉVÊQUE, Pierre et Monique, *Fouilles de Conimbriga*, vol. II: *Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, inscrição nº 10, p. 28-30.

³ Cf. circunstanciado relatório em: CORTE-REAL, Artur, «Cantanhede», *Informação Arqueológica* 9 1994 50-52.

⁴ CRUZ, Carlos Manuel Simões, *Carta Arqueológica do Concelho de Cantanhede*, Câmara Municipal de Cantanhede, 2005, p. 64.

estender-se ao séc. II e III» (*ibidem*, p. 64). Este investigador considera, pois, que o achado desta epígrafe constitui mais uma confirmação da presença romana no local, como, de resto, Jorge de Alarcão salientara.⁵

Na verdade, a antiga Cantanhede estará, certamente, sepultada debaixo da zona urbana actual e as intervenções que vierem a ser feitas no seu perímetro urbano decerto irão confirmar essa hipótese da pré-existência, aí, pelo menos desde a época romana, de um povoado de algum significado, eventual vicus, como sugeriu Jorge Alarcão (*ibidem*). É até possível que por ali tivesse passado uma estrada secundária de ligação à via principal Olisipo – Bracara Augusta, desde a Vimieira (Mealhada) até Tentúgal (Alarcão, 2005, 14). De resto, num raio de 2 km do centro de Cantanhede, há 20 sítios arqueológicos detectados (10 publicados e 10 ainda inéditos), o que não deixa, pois, de ser bem significativo.

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO
JOÃO REIGOTA

⁵ ALARCÃO, Jorge de, *In territorio Colimbrie: lugares velhos (e alguns deles, deslembrados) do Mondego*, n.º 38 da série dos Trabalhos de Arqueologia, Lisboa (IPA), 2004, p. 40.

EPITÁFIO DE *LUCRETIA DOQIRA* EM ALENQUER
(*Conventus Scallabitanus*)

Placa funerária quadrangular, toscamente talhada em laje de rocha sedimentar estratificada comum na região, e vulgarmente utilizada nas edificações antigas de pedra e adobe, encontrada a cerca de 2,8 m de profundidade, quando se procedia à abertura de um poço, por volta dos anos 70, em Merceana, freguesia de Aldeia Galega, concelho de Alenquer, numa várzea à época urbanizada e que antigamente pertencera aos terrenos agrícolas da Quinta do Freixo entretanto desaparecida.¹ Está na posse de Cristina Luísa M. Neves do Vale, na sua casa em Aldeia Galega.

A peça apresenta a superfície alisada e os bordos laterais foram aparentemente afeiçoados no sentido de dar forma à lápide. Pelo contrário, a sua base irregular denota a ausência de qualquer tipo de intervenção, pelo que seria, com toda a probabilidade, uma face não exposta. Há que registar um arredondamento dos vértices, devido ao desgaste natural e uma fractura diagonal de tamanho considerável no canto superior direito, que, no entanto, não afecta significativamente o texto inscrito, já que apenas duas letras foram atingidas marginalmente.

¹ Cf. MELO, António Oliveira, GUAPO, António Rodrigues, e MARTINS, José Eduardo, *O Concelho de Alenquer – Subsídio para um Roteiro de Arte e Etnografia*, vol. 4, Comissão Municipal da Feira da Ascensão de Alenquer em conjunto com a Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer, 1987, p.255.

Dimensões: 36 x 44,5 x 10/12 cm.

Campo epigráfico: 36 x 44,5.

LVCRETIA / DOQIRA · Q(*uinti*) / LVCRETI(*i*) · TANG/
INI · F(*ilia*) H(*ic*) · S(*ita*)

Aqui jaz Lucrécia Doquira, filha de Quinto Lucrécio Tangino.

Altura das letras: 1. 1: 6,5/7; 1. 2: 6/7; 1. 3: 5/5,5; 1. 4: 4,5. Espaços: 1: 4; 2: 1/1,5; 3 e 4: 1; 5: 3/5.

Paginação cuidada, com rigoroso alinhamento à esquerda. Pontos redondos, fundos, usados correctamente, apenas não sendo possível saber, devido ao desgaste, se teria existido antes do H (l. 4).

Caracteres actuários, gravados com goiva. Barras horizontais curtas (nomeadamente a do T); V bem aberto; C inusitadamente estreito; no R, a pança e a perna (bem oblíqua e recta, não tocando na haste vertical) resultam de um só *ductus*; D estreito também (dir-se-ia que é um C invertido acoplado à haste vertical); O acusando, na sua irregularidade de traço, o martelar da goiva; Q feito a partir de um O a que se acrescenta a cauda, quase horizontal; A nitidamente grafado como V invertido, aberto e de travessão centrado na altura; N mais estreito no final da l. 3, devido à exiguidade do espaço disponível, mais largo na linha seguinte. A forma como termina inferiormente a última letra da l. 3^a inclina-nos a ler G e não C. Na última linha, apesar do esborcinado da superfície, cremos que se vê com alguma clareza o F; o S é, por seu turno, de características assaz cursivas, muito lançado para diante, dando a impressão de que o *ordinator* quis dessa forma ocupar espaço que ainda lhe sobejava... Não há, porém, qualquer vestígio de eventual E que completasse a fórmula, mais habitual, H(*ic*) S(*ita*) E(*st*).

Documenta a epígrafe o que poderíamos designar a segunda fase adiantada da aculturação onomástica, dado que

² Semelhante à forma 5 da figura 9 apresentada por Pedro Battle Huguet (*Epigrafiografia Latina*, Barcelona, 1963, p. 12).

ambas as personagens nela citadas assumiram já o gentílico latino – *Lucretius* – e mantiveram os *cognomina* indígenas, aspecto, aliás, bem patente no *ager Olisiponensis*, tanto na zona de Odrinhas,³ como em Torres Vedras⁴ ou Cascais.⁵ E deve realçar-se a circunstância de o pai vir identificado com os *tria nomina*, o que pode ser indício de duas intenções: mostrar que já adoptara a forma de identificação romana ou – o que se nos afigura mais verosímil – ter partido do pai a iniciativa de mandar lavrar o epitáfio, partindo do princípio que ele próprio ali viria a ser sepultado. Neste caso, a atrás referida ausência da forma verbal final poderá ganhar outro sentido: ambigualmente, o S pode desdobrar-se no plural *S(unt)* ou *S(iti)* – e este se nos afigura um estratagema assaz digno de menção, para o qual ainda não fôramos despertados e que outros exemplos poderão via a atestar.

Tanginus (ou *Tancinus*) é, seguramente, um dos nomes típicos da área lusitana mais correntes.⁶ *Doqirus* (também grafado *Doquirus* ou mesmo *Docquirus*) atingirá, por seu turno, a vintena de exemplos (*ibidem*, p. 161, mapa 113), sendo mais frequente, contudo, na zona da Lusitânia central, em torno da *civitas Igaeditanorum*. Registe-se, a título de mera curiosidade, a ocorrência de um *Tanginus Docquiri filius*, que, em Nisa, prestou culto a *Júpiter Repulsor*.⁷

Quanto ao *nomen Lucretius*, não será ilegítimo afirmar que estamos perante uma das famílias romanas mais documentadas no território de *Olisipo*: dos 15 testemunhos mencionados no *Atlas* atrás referido (p. 218, mapa 176), 5 são do aro urbano da

³ LAMBRINO, Scarlat, «Les inscriptions de S. Miguel d'Odrinhas», *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal* 16 1952 p. 134-176 (sobretudo, p. 164-167)

⁴ MANTAS, Vasco Gil, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99.

⁵ ENCARNÇÃO, José d', *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2001, p. 119-121.

⁶ Quase 120 testemunhos documentados no mapa 289 (p. 315) de NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luís [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003.

⁷ ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, 1984, Coimbra, p. 698, inscrição nº 640.

cidade e temos uma *Lucretia* em Alcaínça (Malveira) e uma *Lucretia Severa* em... Olhalvo! Ora, o local do achado do epitáfio de *Doqira* dista cerca de 4,5 km, em linha recta, da Quinta da Margem d'Arada, de Olhalvo, em cujos terrenos agrícolas há notícia de terem sido encontradas outras três inscrições (cf. Melo *et alii*, p. 270). Não nos admiraria, portanto, que esta zona de várzea junto de um ribeiro possa ter sido o domínio desta família romana.

Pelo tipo de letra e modo de gravação; pela tipologia do monumento, resultante do afeiçoamento tosco de adequado fragmento encontrado; pela forma de identificação das personagens; pela simplicidade do formulário (ausência de indicação de idade, ausência da consagração aos deuses Manes e da fórmula *sit tibi terra levis*), cremos ser a epígrafe datável de meados do século I da nossa era.

CRISTINA VALE
JOSÉ D' ENCARNAÇÃO⁸



414

⁸ A preparação deste texto insere-se no quadro da investigação levada a efeito como membro do grupo “Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages” do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade de Investigação 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

FRAGMENTO DE ESTELA DE OLIVA DE PLASENCIA
(CÁCERES)

Como consecuencia de la construcción de una vivienda, en Oliva de Plasencia, se ha derruido otra más antigua, lo que nos ha permitido conocer y estudiar una inscripción que se encuentra fragmentada, embutida en el muro de la construcción en la parte más alta de la vivienda que correspondería a una troje o doblado. Como todos los hallazgos epigráficos localizados en esta población, corresponde sin duda a Cáparra.

Se trata de una estela funeraria de granito gris con pátina oscura quizás como consecuencia de humos en el lugar donde se encuentra. El epígrafe se encuentra muy deteriorado, encalado y está embutida como material de construcción en la vivienda antigua (calle Calvo Sotelo, s/ nº). Hoy es ya imposible volver a verla, por haber quedado cegada esa parte de la casa. Se desconoce con exactitud su estilo, aunque podemos deducir que la parte superior es de cabecera redonda que descansa en dos ángulos romos, por otro lado estilo bastante común en esta zona. La decoración lo compone un círculo en relieve posiblemente con una rosácea en su interior, aunque al estar tan desgastada se desconoce el número de hojas.

Medidas: 36 x 32.

Campo epigrafico: 26 x 15.

COELIAE / TVROBI(i)·F(*iliae*) / ANN(*orum*)·XX[++] /
[...]

A Coelia, hija de Turobio, de 20 años (?)

Alturas de las letras: l. 1: 6; l. 2: 5; l. 3: ?

Interpunción redonda.

El texto es muy sencillo y escueto en cuanto a su composición: el nombre de la difunta y su filiación en las dos primeras líneas; la tercera, aunque solo conserva la mitad de las letras, deducimos alude a la edad de la difunta.

Turobius: antropónimo exclusivamente lusitano; con ello se podrá relacionar el origónimo *Turobricensis*, de la ciudad de Turóbriga.⁹ Paralelos en Tronco, Chaves: EE IX 273 y en Lisboa: CIL II 234. José María Vallejo Ruiz propone una relación con «los dudosos ejemplos de *Iurob-* que se documentan también en Lusitania»: *Iuroibi* en Várzea, São Pedro do Sul (CIL II 420), y *Iurobei*, de Caleruela (Toledo); *Turovius Ambini*, en Salamanca, es una variante de este radical.¹⁰

Coelia, antropónimo indígena, con más testimonios en Lusitania.¹¹

Por el tipo de sus letras y identificación indígena puede fecharse en el siglo I.

JAIME RIO-MIRANDA ALCÓN



415

⁹ Ciudad hispanoromana que se encuentra en Aroche (Huelva), fundada en época de Nerón (54-68).

¹⁰ *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria, 2005, p. 443-444.

¹¹ NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (coord.) 2003: *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Burdeos, p. 149, mapas 99 y 100.